



Como encontrar o trabalho da sua vida

Por Fernando Barrichelo



Pesquisas recentes indicam que **60% dos trabalhadores** escolheriam uma carreira diferente se pudessem começar de novo.

Este artigo é baseado no livro **Como encontrar o trabalho da sua vida**, de Roman Krznaric, publicado pela Editora Objetiva e The School of Life (2012). O livro aborda conceitos modernos de realização profissional, sugerindo que buscar um emprego alinhado com nossos valores e paixões é crucial para uma vida plena.

Na PARTE 1, Krznaric propõe uma abordagem ativa com o lema "**agir primeiro, depois refletir**", e introduz métodos para explorar os "**múltiplos eus**" por meio de períodos sabáticos experimentais, projetos de ramificação e pesquisa conversacional.

Na PARTE 2, o autor discute as razões que nos deixam confusos ao escolher uma carreira e detalha os **elementos de uma carreira gratificante**, considerando aspectos como dinheiro, status, impacto social e alinhamento com as paixões pessoais.

PARTE 1: AGIR PRIMEIRO, REFLETIR DEPOIS

O anseio pelo emprego ideal

O desejo de encontrar realização no trabalho, que é a busca por uma atividade que ofereça um verdadeiro senso de propósito e esteja alinhada com nossos valores, paixões e personalidade, é um conceito relativamente moderno. O termo *fulfillment* (realização, satisfação) não constava no dicionário americano de 1755. Até recentemente, a maioria das pessoas estava engajada na luta pela sobrevivência e em empregos que visavam principalmente a aposentadoria. Hoje, na **era da busca pela realização**, o grande sonho é trocar dinheiro por um sentido de vida. Pesquisas recentes na Europa indicam que 60% dos trabalhadores escolheriam uma carreira diferente se pudessem começar de novo. Nos Estados Unidos, a satisfa-

ção com o trabalho atingiu seu nível mais baixo, com 45%, desde que essas estatísticas começaram a ser registradas, há duas décadas. O emprego vitalício desapareceu, dando lugar a um mundo de contratos de curto prazo e empregos temporários, onde o vínculo empregatício dura em média quatro anos, nos obrigando a fazer escolhas frequentes, muitas vezes contra nossa vontade ou errando no caminho.

Mas será que é realmente possível encontrar um trabalho onde possamos prosperar e nos sentir verdadeiramente vivos? Ou seria esse um ideal utópico reservado apenas para aqueles poucos privilegiados que têm meios financeiros para arriscar abrir um café com yoga para bebês ou para aqueles com as conexões sociais adequadas? Algumas pessoas, especialmente aquelas à margem da sociedade, podem não ter quase nenhuma oportunidade de alcançar esse objetivo. É essencial reconhecer essa realidade. Se você precisa sustentar sua família com um salário muito baixo ou em uma recessão econômica, a ideia de uma carreira gratificante pode parecer um luxo.

Existe uma boa notícia

É possível encontrar o emprego ideal se você refletir profundamente. Inicialmente, é crucial saber o que realmente estamos procurando e quais são os elementos essenciais de uma carreira gratificante: sentido, fluxo e liberdade. Por exemplo, devemos optar por uma carreira com alto salário e status ou por uma causa em que acreditamos para fazer a diferença? Desejamos ser especialistas em um campo do conhecimento ou abordar vários temas com resultados mais abrangentes? Como equilibrar as ambições profissionais com

É essencial compreender a **psicologia do medo** e por que a ideia de mudar de profissão pode criar tanta ansiedade.

as obrigações familiares? A segunda grande questão é como mudar de carreira após a reflexão e a percepção de que não estamos satisfeitos com nossa vida atual. **Há três passos.** O primeiro é entender as fontes de nossa confusão e anseios ao considerar deixar nosso emprego atual e buscar uma nova carreira. Em seguida, rejeitar o mito de que existe um único emprego perfeito e, ao invés disso, identificar nossos "múltiplos eus" - uma gama de potenciais carreiras que podem satisfazer todos os aspectos de nossa personalidade. Finalmente, abandonar o paradigma de "planejar primeiro, agir depois" e começar imediatamente - realizando projetos experimentais que testem os "múltiplos eus" no mundo real.

Como mudar de carreira

Enquanto algumas pessoas se sentem inspiradas a fazer mudanças, outras se sentem incapazes e até intimidadas. Por quê? A resposta está na necessidade de coragem para mudar de carreira ou emprego, apesar de sonharmos com isso. Podemos ter identificado uma variedade de carreiras, ou "**múltiplos eus**", com perspectivas de trabalho realizador, talvez abrindo um negócio, fazendo um curso de direito ou tornando-se um tradutor autônomo. Mas como criar coragem para mudar e fazer as escolhas certas no meio do caminho? Primeiramente, é essencial compreender a **psicologia do medo** e por que a ideia de mudar de profissão pode criar tanta ansiedade. A biologia evolucionária e os estudos de Amos Tversky e Daniel Kahneman mostram que, ao avaliarmos perdas e ganhos, detestamos perder muito

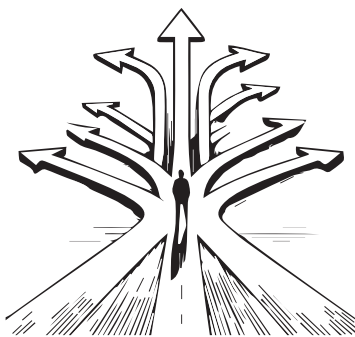
mais do que gostamos de ganhar. O medo do fracasso é quase uma aflição universal. Você não está sozinho(a) neste sentimento. Em segundo lugar, é necessário mudar a mentalidade de "planejar, depois implementar" para "**agir primeiro, depois refletir**". O problema com o modelo "planejar, depois implementar" é simples: raramente funciona. O que geralmente acontece é que acabamos em empregos que não combinam conosco, pois não temos nenhuma experiência de como eles são na realidade.

Além disso, passamos tanto tempo tentando

conceber o que seria a carreira perfeita, pesquisando incessantemente ou nos perdendo em meio a pensamentos confusos sobre a melhor opção, que acabamos não fazendo nada, aprisionados na armadilha paradoxal das escolhas. As pesquisas recentes demonstram que mudanças bem-sucedidas requerem uma dose significativa de aprendi-

zado experimental. Assim como não podemos aprender carpintaria apenas com um livro, não podemos trocar de carreira sem atividades práticas.

Primeiro, é necessário identificar uma variedade de "**possíveis eus**" - carreiras que consideramos capazes de nos oferecer propósito e sentido. Depois, é preciso vivenciá-las na realidade por meio de projetos experimentais. Após um período de "encontros" com empregos, estaremos em condição de tomar decisões melhores e mais concretas. O maior erro que as pessoas cometem quando tentam mudar de carreira é esperar a definição de um destino para dar o primeiro passo.



Pode levar algum tempo para experimentar os **múltiplos eus**, mas existem provas de que essa parte é necessária para um processo de mudança bem-sucedido.

Com os chamados "projetos experimentais", você pode começar a testar seus "possíveis eus" na realidade podem ter três formas principais:

1. Períodos sabáticos experimentais

Um período sabático não é um longo período de férias, e sim um período dedicado a projetos ativos, como acompanhar alguém em seu trabalho ou se voluntariar numa organização atraente. O autor conta a história de uma mulher que se arriscou em 30 empregos curtos para flertar com trinta possíveis futuros eus.

2. Projetos de ramificação

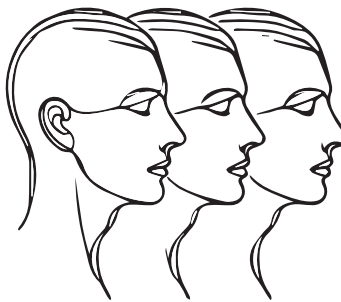
A forma de projeto experimental mais comum é o projeto de ramificação ou missão temporária. Um dos mitos mais frequentes sobre mudança de carreira é a crença de que é necessária uma mudança drástica – chegar numa segunda-feira, pedir demissão e ir direto para o desconhecido. Com um projeto de ramificação, uma estratégia tão arriscada não é necessária, pois se baseia em experiências breves em áreas periféricas à sua atual carreira, nas quais testamos os possíveis eus. Além das opções de acompanhar outro profissional ou nos voluntariar, podemos fazer um curso de treinamento que nos permita sentir o gosto de uma carreira diferente, ou experimentar uma versão inicial e reduzida de um possível novo emprego.

Como exemplo, imagine que você se sente aprisionado em seu emprego de agente literário e está pensando em se tornar um professor de ioga. O que fazer? Pare de pensar sobre isso e tome

uma atitude. Comece a dar aulas de ioga nas horas livres, talvez à noite, durante a semana ou nos fins de semana, para saber se isso realmente provoca aquela centelha de vida. Se isso acontecer, você pode ir aumentando gradualmente os horários até se sentir com a confiança necessária para deixar a carreira antiga para trás. Você terá dado diversos pequenos passos com riscos pequenos, mas que podem levar a grandes resultados. E se não se sentir que é a coisa certa, pode então iniciar outro projeto ramificado para testar outro possível eu.

Pode levar algum tempo para experimentar múltiplos eus, mas existem provas de que essa parte é necessária para um processo de mudança bem-sucedido. O autor cita que foi assim que ele fez. Krznaric era diretor de projetos de uma empresa e sentiu desejo de tocar as próprias oficinas sobre a arte de viver.

Mas os riscos financeiros o preocupavam e nada ia adiante. Até que, numa conversa com a esposa, ela disse – pare de falar, pegue a sua agenda e marque a primeira data da oficina. Foi o que fez, enviou emails a amigos, recrutou dez cobaias e fez a primeira oficina na cozinha da casa dele, num sábado. Depois de mais alguns cursos de finais de semana na cozinha, enquanto trabalhava na empresa, procurou o QI Club em Oxford e perguntou se aceitariam incluir, como parte de sua programação, um curso noturno sobre a arte de viver. Logo se tornou atração regular, as aulas foram se tornando populares e, meses depois, se sentiu seguro para largar o emprego, tendo superado o medo primitivo do fracasso.



Um dos maiores obstáculos à mudança é que ficamos **aprisionados à rigidez do nosso círculo social** e de colegas de trabalho.

3. Pesquisa conversacional

Esse é o último formato de projeto experimental, um processo que talvez seja menos assustador do que o período sabático radical ou um projeto de ramificação, mas pode ser igualmente eficaz. Trata-se simplesmente de conversar com pessoas que passaram por diferentes experiências de vida e que se dedicam ao tipo de trabalho que você se imagina fazendo. Pode parecer uma estratégia óbvia, mas vale a pena pensar por que conversar é um componente tão vital para qualquer mudança de carreira bem-sucedida.

Um dos maiores obstáculos à mudança é que ficamos aprisionados à rigidez do nosso círculo social e de colegas de trabalho. Se você é advogado e passa a maior parte do tempo com outros advogados, é provável que isso condicione seus ideais e aspirações: você pode sentir que precisa de um salário alto ou de uma casa bonita e férias de luxo, e que trabalhar sessenta horas por semana é completamente normal.

Em outras palavras, nosso meio social determina fortemente a nossa “visão de mundo” – nossa estrutura mental relativa ao sistema de crenças e referências. O problema é que pode ser muito raro interagirmos com pessoas que veem o mundo de uma maneira muito diferente da nossa. Quando foi a última vez que você passou uma tarde com um criador de abelhas ou com um curandeiro xamânico?

O resultado é que nossas prioridades e valores são continuamente reforçados. Você pode sonhar em largar o direito e ir lecionar numa escola antroposófica, mas provavelmente concluirá que é uma ideia extravagante e pouco realista – assim como a maioria dos seus amigos. Nossa visão de

mundo é uma camisa de força psicológica que nos impede de ir atrás de novas possibilidades. Uma das melhores maneiras de escapar deste confinamento é variar o grupo de colegas e conversar com pessoas cujas experiências profissionais e cotidianas sejam diferentes das nossas.

Se você quer largar o direito, pode ser sensato passar menos tempo com seus amigos advogados. Mais especificamente, você pode aprender muito conversando com pessoas que fizeram mudanças de carreira e seguiram pelos caminhos pelos quais você deseja enveredar. Se você se cansou do mundo acadêmico e quer se tornar um paisagista, faça todo o possível para encontrar um colega de faculdade que tenha dado esse passo ou feito alguma outra mudança radical.

A pesquisa conversacional é também uma estratégia particularmente positiva para conhecer carreiras difíceis de serem testadas em projetos de ramificação. Imagine que você é um professor de ioga que quer se tornar um agente literário. Ao contrário do que acontece com aulas de ioga, é difícil experimentar ser um agente literário: não é possível abrir uma miniagência no seu tempo livre e tentar atrair alguns autores para ver se você gosta disso. Um ponto mais viável é achar um agente e conversar sobre os altos e baixos do seu dia a dia.

Além disso, os estudos sobre mudança de carreira repetidamente mostram que a maioria das pessoas encontra trabalhos por intermédio de contatos pessoais e não por meios oficiais, e que a troca de carreira requer o desenvolvimento de uma nova rede social. A pesquisa conversacional cria uma abertura para isso.

Mesmo que consigamos superar a paralisia de muitas opções e tomar uma decisão, **acabamos menos satisfeitos**, pois sempre é possível imaginar que poderíamos ter feito uma escolha melhor.

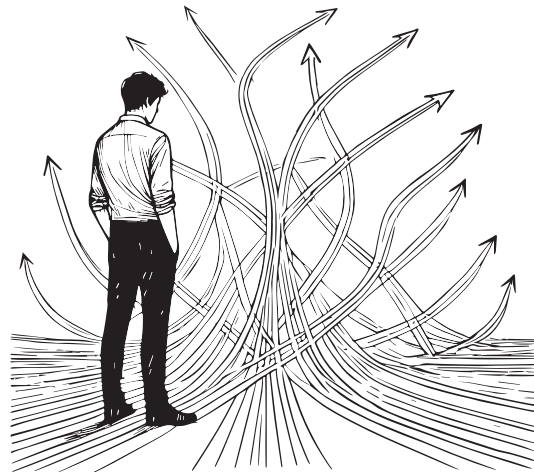
Comece

Pense em três possíveis eus. Depois, imagine três formas em que você possa “agir primeiro e refletir depois” para testar cada um desses eus. Tire meia hora agora mesmo e mãos à obra. Ligue para uma organização que lhe interesse e pergunte se aceitam voluntários. Registre um nome de domínio para um negócio que você tenha imaginado. Arranje o programa de um curso que gostaria de fazer. Envie um email para um amigo que seja um realizador amplo e pergunte se vocês podem se encontrar. Até mesmo pequenos passos como esses podem ser catalisadores para a remodelagem de seu futuro. Como disse Goethe: a indecisão traz seus próprios atrasos. E os dias se perdem em lamentos. Está disposto? Agarre o momento. A ousadia possui o talento, a força e a magia.

PARTE 2: OS ELEMENTOS DE UMA CARREIRA GRATIFICANTE

Por que sentimos redemoinhos de confusão

Ao longo da maior parte da história, as pessoas tinham bem poucas escolhas quanto a seus trabalhos. Era uma questão de destino e necessidade, em vez de liberdade e escolha. A decisão era geralmente tomada pelos pais e os filhos seguiam o ramo de negócio da família. Sobrenomes ligados à profissão como Smith, Baker e Butcher (respectivamente, ferreiro, padeiro e açougueiro) são remanescentes dessa tradição. Talvez o seu bisavô se orgulhasse de ser capataz numa fábrica, ou sua avó fosse boa aluna mas sucumbiu à pressão familiar para se casar jovem e ser dona de casa. Diferente de seus avós e bisavós, você já teve sorte



por poder escolher uma carreira e encontrar um trabalho gratificante. Entretanto, ainda parece um desafio inatingível, certo? Pois é... Hoje em dia, quando precisam mudar de carreira, invariavelmente jovens e adultos experimentam “redemoinhos de confusão” e incertezas sobre qual direção a seguir. Por quê? Em certo nível, o problema é simplesmente o excesso de oferta.

Motivo 1: muitas opções

Para dar uma dimensão disso, o site www.careerplanner.com apresenta uma lista de 12 mil carreiras, 478 somente na letra “A” (administrador, agricultor, arquiteto, astrônomo, etc). Como escolher em meio a tantas opções? Barry Schwartz, em seu livro “**Paradoxo das Escolhas**”, aborda o problema atual: agora temos que escolher demais. Embora uma vida sem escolhas seja insuportável, ter uma gama de opções transforma-se em um ônus. Para comprar um produto ou serviço, a pesquisa e análise podem demorar horas e dias. Um efeito de tantas opções é que elas produ-

Nos encontramos em uma luta constante com nosso passado, incapazes de tentar algo novo, pela fidelidade à pessoa que fomos, em vez de à pessoa que esperamos nos tornar.

zem paralisia, em vez de libertação. E mesmo que consigamos superar a paralisia e tomar a decisão, acabamos menos satisfeitos, pois sempre é possível imaginar que poderíamos ter feito uma escolha melhor, e lamentamos a decisão tomada. Claro, escolher um trabalho é diferente de escolher uma companhia telefônica; não podemos simplesmente escolher a proposta mais atraente, já que somos limitados por fatores como qualificação profissional e educacional.

Ainda assim, podemos nos deparar com dezenas de caminhos possíveis. Devo manter minha carreira de corretagem de seguro ou me aventurar para consultoria de gestão? Devo me dedicar ao direito ou dar aulas? Devo trocar uma empresa grande por uma pequena, ou tirar um ano sabático? Se você quer ser psicoterapeuta, é melhor fazer um curso centrado em abordagens psicodinâmicas, comportamentais, cognitivas, humanistas, interativas, entre outros exemplos. A solução, para aquisição de produtos no comércio, pode ser limitar as opções. No lugar de comprar um jeans perfeito, devemos comprar um “bom o suficiente”. Mas essa não é uma boa estratégia para decisões profissionais. Não existem formas fáceis de limitar as opções – será que basta olhar as profissões, empregos ou empresas que comecem com a letra “A”?

Motivo 2: preso ao passado

Você já estudou muito tempo para a carreira de Direito e agora tem receio em começar tudo de novo em Engenharia? Você já passou anos sofrendo numa multinacional, mas mesmo assim tem medo de reconquistar sua reputação em outra empresa? Os economistas chamam isso de “cus-

tos irrecuperáveis” e a lógica deveria ser diferente. É o seguinte: você não precisa continuar um sapato apertado apenas porque ele custou caro; sua decisão deve ser sobre o futuro, e não o passado. Se você passou anos trabalhando como publicitário, e depois percebe que está infeliz e quer fazer algo diferente, dificilmente será consolado por um amigo que diz “faz parte da jornada da vida” ou “tudo é um aprendizado”. Tais clichês não vão fazer você se sentir melhor. Você também pode não estar disposto a abrir mão de uma identidade de trabalho que lhe confere um sentido de status e pertencimento.

O resultado é que podemos nos encontrar em uma luta constante com nosso passado, incapazes de tentar algo novo, por causa de uma fidelidade à pessoa que fomos, em vez de à pessoa que esperamos nos tornar. Pense bem: há dois tipos de arrependimentos. Por um lado, o arrependimento de abandonar a carreira para a qual dedicamos tanto tempo, energia e emoção. Do outro, a possibilidade de olhar para trás quando envelhecermos e lamentar o fato de não termos abandonado um trabalho que não nos proporcionou o tão desejado sentimento de realização. O que você prefere: (1) tentar e se arrepender por ter dado errado ou (2) se arrepender por não ter tentado? Devemos reconhecer que nossas escolhas iniciais (carreira, emprego, empresa) podem ter sido feitas quando éramos pessoas diferentes das que somos hoje. Ficar estagnado em um emprego que não mais atende à nossa personalidade ou aspiração pode ser igual a tentar manter um relacionamento que não está mais funcionando. Chega um momento em que a separação é a opção mais saudável, por mais dolorosa que seja.

Sentido é um dos principais elementos de uma carreira gratificante e pode ser: ganhar dinheiro, alcançar status, fazer a diferença, seguir nossas paixões e talentos.

Qual a solução?

Devemos buscar mais satisfação em vez de aceitar o que vier; não estamos mais no século passado onde as carreiras eram limitadas e impostas. Mesmo assim, estamos atordoados sem método para escolher entre todas as opções disponíveis e com medo de tomar decisões em que nos arrependamos. Para ajudá-lo na decisão sobre as inúmeras opções e o medo de se desligar do passado, uma solução é pensar de forma aprofundada nos **elementos de uma carreira gratificante**, e depois associar com as opções que melhor atendem às suas aspirações.

É importante saber o que realmente estamos procurando e quais os elementos essenciais: o sentido, fluxo e liberdade. Por exemplo, devemos preferir uma carreira com alto salário e status, ou uma causa em que acreditamos para fazer a diferença? Queremos ser um especialista num campo do conhecimento ou abarcar em vários temas com resultados mais abrangentes? Como equilibrar as ambições profissionais com as obrigações com cônjuge e filhos?

As quatro dimensões do sentido

Dostoiévski uma vez escreveu: o castigo mais terrível para qualquer ser humano é a condenação a uma vida inteira de trabalho absolutamente desprovido de utilidade e sentido. Sentido é um dos principais elementos para uma carreira gratificante. Mas ficamos imaginando o que realmente é sentido e como podemos encontrá-lo. Há quatro aspectos básicos e diferentes que podem tornar

um trabalho significativo: ganhar dinheiro, alcançar status, fazer a diferença, seguir nossas paixões e talentos. Essas forças são fontes essenciais para nossa motivação; são as bases psicológicas para impulsionar nosso trabalho com felicidade. O dinheiro e status são chamados de fatores motivadores “extrínsecos” uma vez que tratam o trabalho como meio para um fim, enquanto os demais dois fatores são “intrínsecos”,

com o trabalho valorizado como um fim em si mesmo. A questão é: qual dessas motivações deve ser a principal orientação em nossas escolhas? Entender exatamente quais são nossas prioridades pode nos ajudar a desenvolver uma visão pessoal do que é um trabalho realmente significativo, para que possamos reduzir o número de possibilidades de carreira e fazer as escolhas certas.



Dimensão 1: ganhar dinheiro (e a boa vida)

Um dos principais motivos pelos quais você está no seu emprego atual é porque o salário é bom? E uma das razões pelas quais você reluta em pedir demissão é porque não pode se imaginar tendo uma redução salarial? **Não há problemas, esta pode ser uma boa motivação e parece ser justa.** Você compartilha de algumas necessidades que os gregos chamavam de eudemonismo ou “boa vida”. É claro que a falta de relação clara entre renda e felicidade tornou-se um dos mais poderosos achados das ciências sociais modernas. A partir de um momento em que nossa renda é suficiente para cobrir nossas necessidades básicas, novos aumentos pouco acrescentam ao nos-

Podemos facilmente ser levados a buscar uma carreira que a sociedade considera prestigiada, mas na qual **não atenda nossa necessidade** de realização.

so nível de satisfação. Mas a tentação é grande num ciclo vicioso: à medida que enriquecemos e acumulamos posses, nossas expectativas aumentam e trabalhamos ainda mais para comprar mais bens e aumentar nosso bem-estar.

Passamos de um televisor bom para um melhor ainda, de um carro para dois, e assim por diante, e nada disso aumenta nossa sensação de uma vida plena e significativa. Pior, acaba aumentando os níveis de ansiedade e depressão, uma vez que queremos sempre mais. Na verdade, podemos estar procurando realização pessoal nos lugares errados, em ter em vez de ser, em acumular posses em vez de construir relações empáticas e enriquecedoras.

Quando as pessoas são perguntadas sobre o que lhes proporciona satisfação no trabalho, raramente o dinheiro aparece no topo da lista. Numa pesquisa mundial da Mercer, a “remuneração básica” ficou apenas em sétimo lugar entre 12 elementos-chaves. O que realmente parece fazer diferença é a qualidade de seus relacionamentos no trabalho: “respeito” e “colegas de trabalho” estão no topo da lista. Poucas pessoas tendem a ignorar o dinheiro completamente ao tomar uma decisão profissional: todos nós temos contas a pagar e família a sustentar. A verdadeira questão é o peso que devemos atribuir a ele.

Dimensão 2: alcançar status

Além do dinheiro, a outra recompensa extrínseca é o status social, geralmente em duas variedades. Um deles é o status de um trabalho de prestígio que seja admirado pelos outros, como um diplomata, produtor de televisão, atleta profissional, escritor, etc. É uma perspectiva atraente, como os

romanos antigos diziam, ainda temos um desejo ardente por reputação e glória. A segunda variedade é o status baseado em nossa posição em relação aos outros. Um estudo em economia comportamental demonstrou que, se pudermos escolher entre ganhar 50 mil dólares por ano quando todo mundo ganha 25 mil, ou 100 mil dólares quando todo mundo ganha 200 mil, a maioria das pessoas escolheria a primeira opção. Também nos preocupamos com nossa posição relativa nas hierarquias de profissões.

Se todos os seus colegas estão alcançando sucesso, tornando-se diretores, e você continua em posições de menos responsabilidades, talvez se sintam um fracassado. O status pode ser uma forma importante de melhorar sua autoestima. O problema é que podemos facilmente ser levados a buscar uma carreira que a sociedade considera prestigiada, mas na qual não atenda nossa necessidade de realização. **Há pessoas muito infelizes com seu trabalho apesar de terem carreiras aparentemente invejáveis.**

Existe um outro problema. Assim que alcançamos um nível de status, outro logo aparece acima dele, em um ciclo sem fim. Nosso grupo de colegas muda, e o status que desejamos está sempre longe do nosso alcance. A lição pode ser a simples ideia de que não devemos ficar tão preocupados com o que as outras pessoas pensam. Quem você acha que está julgando o seu status? Você quer dar a eles esse poder? Embora a maior parte das pessoas deseje experimentar uma certa dose de status social, o sentimento de que somos respeitados por aquilo que fazemos e pela forma que fazemos é uma das chaves para alcançar uma carreira gratificante.

Queremos, na velhice, olhar para trás e **sentir que deixamos nossa marca**. A questão é como fazê-lo.

Dimensão 3: fazer a diferença

“Quero fazer a diferença” é uma frase comum entre os universitários em busca de orientação profissional e entre os profissionais na faixa dos 30 anos que se frustram pelo tempo que passam lidando com emails entediantes e outros temas que não se interessam. Eles querem algo mais: uma contribuição positiva para as pessoas e o planeta. Esse é um desejo cada vez mais comum, mesmo na nossa era do individualismo. Parece com a aspiração dos antigos gregos em realizar algo nobre para conferir às suas vidas um senso de propósito e ficar na memória da história. Queremos, na velhice, olhar para trás e sentir que deixamos nossa marca. A maioria das pessoas concorda intuitivamente que fazer a diferença é um caminho promissor para uma carreira realizadora. A questão é como fazê-lo.

Muitas vezes as pessoas partem do pressuposto de que essas carreiras são centradas em instituições de caridade ou no serviço público; por exemplo, trabalhar em um abrigo para sem-tetos, ou como professora para crianças pobres com deficiências, ou numa causa a favor dos direitos dos animais ou diminuição da pobreza. Mas qualquer que seja o caminho escolhido, existem dois desafios a enfrentar. O primeiro diz respeito ao impacto de suas ações. Uma das maiores frustrações é que é muito difícil ver, em termos concretos, qual a diferença que nosso trabalho realmente está fazendo. Você realmente está conseguindo erradicar a pobreza do mundo? Uma opção é se envolver em um projeto comunitário com impacto pequeno e local, mas bem mais visível e concreto.

O segundo desafio são as tensões que podem surgir entre fazer a diferença e ganhar dinheiro.



Por isso é importante ter a consciência dos pesos e prioridades entre todas as dimensões para uma decisão balanceada.

Dimensão 4: seguir nossas paixões e talentos

Embora uma carreira ética de fazer a diferença seja um caminho intrinsecamente gratificante para a felicidade, também existe a opção de encontrar suas paixões e seus talentos. Esqueça dinheiro, status e até mesmo fazer a diferença: **faça o que gosta e aquilo que você é realmente bom**. Você deve reunir sua grande paixão com o trabalho. Entretanto, seguir essa estratégia é uma escolha controversa. Embora algumas pessoas juram que transformar hobbies em trabalho tenha sido definitivo para a realização, outras alegam que foi um terrível engano.

Você pode gostar de construir modelos de trens, mas abrir uma empresa para vendê-los online, com todas as dificuldades envolvidas, pode drenar toda a sua alegria da paixão e deixá-lo com saudade da época que era apenas um hobby e não

Há duas abordagens para realização ampla: ou nos tornarmos um “**generalista renascentista**” com diversas carreiras simultâneas, ou um “**especialista serial**”, nos dedicando a uma atividade de cada vez.

tinha números de vendas a se preocupar. Existe outro dilema que os desejosos em seguir suas paixões e talentos enfrentam, que é se devemos ser especialistas, nos concentrando em uma única profissão, ou generalistas, desenvolvendo nossos vários talentos e paixões em diferentes ramos do saber. Ou seja, devemos aspirar ao sucesso como um realizador específico ou como um realizador amplo? A especialização pode funcionar bem se você tiver as habilidades necessárias para realizar determinada função ou se for apaixonado por uma área específica, como especialista em tributação corporativa, bibliotecário de referência especializada ou anestesista.

Mas há também o perigo de ficar insatisfeito com a repetição inerente a muitas profissões especializadas: estudos com cirurgiões revelam que aqueles que realizam somente operações em amígdalas em breve começam a se sentir entediados e infelizes com seus trabalhos lucrativos. Além disso, essa cultura de especialização é conflitante com algo que a maioria de nós reconhece intuitivamente: cada um de nós tem “múltiplos eus”. Na verdade, não precisamos achar que ser professor de inglês seja a única carreira que nos pode trazer realização. Contamos com experiências, interesses, valores e talentos complexos e multifacetados, o que pode significar que também podemos nos realizar como web designers, policiais ou produzindo café orgânico. Essa é uma ideia potencialmente libertadora com implicações radicais. Ela possibilita encontrar realização de carreira escapando do confinamento da especialização e cultivando nossos potenciais como realizadores amplos. Existem duas abordagens para sermos realizadores amplos: ou nos tornar-

mos um “generalista renascentista” com diversas carreiras simultâneas, ou um “especialista serial”, nos dedicando a uma atividade de cada vez.

Duas alternativas a considerar

A primeira opção é inspirada pelo ideal da Renascença de que a plenitude humana é alcançada pela diversidade de nossos talentos. O maior generalista deste período foi Leonardo da Vinci; ele não foi apenas pintor, mas também engenheiro, inventor, naturalista, filósofo e músico. Leonardo seria hoje conhecido como “trabalhador de portfólio”, que desenvolve uma variedade ou “portfólio” de carreira, cada qual em meio expediente e, muitas vezes, como freelancer. Você pode trabalhar como economista três dias por semana, depois passar o resto dos dias trabalhando por conta própria como fotógrafo e vendedor de livros online. Obviamente, um generalista renascentista traz múltiplos desafios e uma perspectiva de insegurança financeira em caso de trabalhos instáveis como freelancer.

Assim, você pode se sentir mais confortável entregando-se a diversos talentos como um especialista serial. Em vez de buscar diversas carreiras ao mesmo tempo, imagine seguindo três ou quatro atividades diferentes em sucessão – talvez começando como relações públicas, depois gerindo um albergue e por fim como um jardineiro autônomo. Essa abordagem faz cada vez mais sentido num mundo em que a idade de aposentadoria é cada vez menor, mas a vida produtiva é cada vez mais longa. Mesmo uma mudança substancial carreira pode nos libertar de uma profissão que perdeu seus atrativos e nos permitir explorar outros lados de nós mesmos.

Mãos à obra

Resumindo, alguns motivos para tanta confusão e insatisfação no trabalho são as (a) muitas opções e (b) estar preso ao passado. Precisamos analisar mais profundamente nossas próprias motivações e entender as quatro dimensões de uma carreira significativa: (1) dinheiro, (2) status, (3) fazer a diferença e (4) paixões/talentos.

Podemos ter uma perspectiva nova para a realização plena se conhecermos nossos “múltiplos eus” – seja como um generalista renascentista (várias atividades ao mesmo tempo) ou um especialista serial (uma carreira por vez).

Agora, precisamos ser práticos para criarmos opções concretas de um emprego que nos ofereça tal carreira plena e edificante. Para isso existe uma boa e má notícia. A má notícia é que apenas você pode entender os seus “múltiplos eus” e suas reais motivações e competências. Isso pode demorar um pouco e exigir uma boa dose de reflexão. A boa notícia é que você não depende de ninguém para saber o que você realmente gosta. **Já começou a pensar?**



FERNANDO BARRICHELO

É autor do livro **Estratégias de Decisão**. Formado em engenharia pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, possui pós-graduação em Administração de Empresas pela FGV e Master in Business Administration (MBA) pela Carnegie Mellon University, nos Estados Unidos. **Atualmente é doutorando em administração pela FGV**. Atua como executivo no mercado financeiro. Escreve sobre pensamentos e raciocínios. Ou seja, sobre a vida e sobre todos nós.

 <https://www.linkedin.com/in/fernandobarrichelo/>